



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AO SENHOR ADIB DAUDY NOVO EMBAIXADOR
DA REPÚBLICA ÁRABE DA SÍRIA JUNTO DA SANTA SÉ
POR OCASIÃO DA APRESENTAÇÃO
DAS CARTAS CREDENCIAIS**

Segunda-feira, 28 de Junho de 1982

Senhor Embaixador

As nobres palavras, que me dirigiu agora mesmo, encarecem de maneira feliz a vontade do seu país e dos dirigentes dele, de conservar e desenvolver ainda relações muito antigas de diálogo e de cooperação com a Santa Sé. Por meio da sua pessoa, a minha gratidão vai até Sua Excelência o Presidente Hafez Al-Assad. Ficarei agradecido ao Senhor Embaixador se tiver a gentileza de assegurar disto e de juntar a estas palavras os meus votos pela pessoa de Sua Excelência e pela população que tem a responsabilidade de guiar na conjuntura actual particularmente difícil.

Hoje portanto Vossa Excelência substitui numerosos Embaixadores que se foram sucedendo junto da Sé Apostólica. A sua missão, como a de todos os diplomatas, será desempenhada com discrição. Parece-me todavia que o seu trabalho, como o dos seus eminentes colegas na diplomacia, é sempre muito precioso. Pode muito, e mais do que se crê, para preparar ou reabrir caminhos de diálogo respeitoso e cordial, e de compreensão progressiva, que chegará a justas soluções pela negociação e pelo bom entendimento.

Há instantes, Vossa Excelência sentia o prazer de recordar lembranças históricas numerosas, antigas ou mais recentes, que fundam de algum modo as relações mantidas pela República Árabe-Síria com a Santa Sé. Falou em particular da muito venerável Igreja de Antioquia e da Epopeia Apostólica do Apóstolo Paulo desde a sua conversão célebre na estrada de Damasco, capital da Síria moderna. Agradeço-lhe sinceramente ter evocado essas raízes antigas, tão

queridas às comunidades cristãs de sempre, e que as vivificam ainda hoje. Pensando nestas diversas comunidades, exprimo-lhe a minha satisfação pela vontade manifestada pelas Autoridades sírias de promover a compreensão recíproca, o respeito e a boa coexistência entre cristãos e muçulmanos.

O Senhor Embaixador ficaria surpreendido, se eu não sublinhasse que a sua missão diplomática junto da Santa Sé começa num contexto doloroso para toda a região do Próximo Oriente. Penso em particular no novo drama que o Líbano sofre. Testemunhas das violências, das destruições, das deslocações de habitantes e do sangue humano que não pára de correr, mas igualmente responsáveis — a níveis diversos — da paz e da fraternidade que formam o eixo de toda a civilização, não podemos resignar-nos, não podemos deixar a opinião mundial terminar por se persuadir de uma fatalidade da história. Diante de Vossa Excelência desejo afirmar uma vez mais que a Santa Sé, segundo os meios conformes à sua missão espiritual, recorda e recordará, oportuna e inoportunamente, que a solução de todo o desentendimento, no Próximo Oriente como em toda a parte da terra, não se pode restabelecer pelas armas. A violência gera a violência! A Santa Sé, pela sua acção própria, e os Governos, pela deles, devem fazer convergir os esforços reais e perseverantes de uma e de outros para recomendarem e fazerem que tenham bom êxito os caminhos muitas vezes longos e austeros do encontro, para negociações sinceras e pacientes, que supõem, é claro, o reconhecimento do direito de cada povo à sua soberania, à sua liberdade.

E uma vez que falamos do Próximo Oriente, e portanto de uma região em que o monoteísmo é um preciosíssimo denominador comum entre três famílias de crentes — judeus, cristãos e muçulmanos — intimamente misturadas de há gerações, atrevo-me a dizer que esta fé comum em Deus, fonte de vida e bondade, permanece sendo uma esperança de conversão dos corações e dos espíritos. É possível crer em Deus, criador de toda a pessoa humana à Sua imagem e semelhança, sem nos esforçarmos, todos juntos e cada um em particular, por sermos defensores intrépidos da vida e difusores incansáveis da Sua bondade misericordiosa? O Próximo Oriente, que manteve em profundidade o sentido dos valores espirituais, não poderá sair das situações críticas, em que se encontra presentemente, senão unindo-se para reencontrar, nas fontes mesmas do monoteísmo, o sentido da sua história, tanto em escala individual como colectiva. Que luz seria para o mundo inteiro, tão inclinado a encerrar-se em estruturas sociais desprovidas de raízes religiosas, por outras palavras, da fé!

Pensando e orando todos os dias por esta região agitada e ensanguentada do nosso planeta, mantendo-me persuadido de haver, em cada país do Próximo Oriente, homens e crentes, de grandíssima elevação de espírito e educação, que seriam capazes de se sentar à mesma mesa para chegarem juntos a soluções de justiça e de paz, inspiradas nas ricas tradições culturais e de fé em Deus, comuns a todos os povos do Levante.

Uma vez mais, nestes primeiros instantes da alta missão de Vossa Excelência, e desejando-lhe

cordialmente, Senhor Embaixador, que ela seja fecunda para o seu querido país e para a Igreja, faço apelo instante a todos os homens constituídos em responsabilidade, quer estejam à frente dos Estados quer no mundo da diplomacia, para que dêem prova de coragem e de criatividade para a salvaguarda da paz em todas as partes da terra.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana